



Narrativas audiovisuais sobre “Remedinho dos Prazeres”: um estudo de registros do pertencimento e da construção de identidades

SUZANA L. S. RIBEIRO¹

O texto que hora se apresenta resulta de uma pesquisa realizada no Bairro dos Remedinhos dos Prazeres na área rural do município de Paraibuna. O trabalho foi desenvolvido a partir de uma oficina intitulada “Patrimônio imaterial e história oral: produção de registros audiovisuais”, com carga horária de 300 horas, oferecida pela Fundação Cultural Benedicto Siqueira e Silva, na cidade de Paraibuna, no interior do estado de São Paulo. O trabalho teve como metas a criação de um acervo de entrevistas de histórias de vida, a escrita de um livro e a edição de um documentário audiovisual, composto pelas histórias de vida de moradores do município.

A história oral de vida foi a forma escolhida para a produção dos registros sobre costumes e festas, ou seja de representações do patrimônio imaterial. Esta caminhada nos levou a uma localidade afastada da sede urbana do município. Isto porque, o bairro dos Remedinhos dos Prazeres é palco de uma das festas mais tradicionais da localidade: a festa de Nossa Senhora dos Prazeres

O objetivo do trabalho foi registrar e analisar as narrativas dos moradores do bairro, para entender a diversidade cultural do município de Paraibuna e os elementos que os moradores selecionam como importantes para sua vivência e sua relação com aquele local de pertencimento. Todo o trabalho de registro das narrativas de histórias de vida foi feito com suporte do audiovisual.

A partir desse objetivo central, buscou-se nessa pesquisa entender como as pessoas narram sobre seu pertencimento e se relacionam com seu espaço. A escolha do audiovisual viabilizou registro de narrativas e por meio delas a construção de sentidos e significados sociais de e para um grupo. Em paralelo, o uso do audiovisual ampliou as formas de aplicação da história oral, em especial as histórias de vida e experiências vivenciadas no âmbito daquela comunidade.

¹ Universidade de Taubaté, Taubaté-SP; Doutora em História Social pela USP.

Que território é este?

Remedinho dos Prazeres é um bairro da zona rural do município de Paraibuna, no interior do estado de São Paulo. Ele está situado à 47 km do centro urbano e mantém tradições como a celebração de festas religiosas, a apresentação de grupos de dança de Moçambique e a da culinária caipira. Dentre as festas uma recebe destaque. O aniversário da padroeira do bairro Nossa Senhora dos Remédios é comemorado todos os anos no dia 08 de setembro. Neste dia os moradores do bairro e seus convidados participam da procissão, das cantorias, das orações e do almoço juntos. O prato principal do almoço é o Afogado, ou como é conhecido o “Fogado”, prato tradicional. As festas e a culinária são marcas da cultura local, e dos costumes tradicionais que organizam a identidade do bairro na contemporaneidade.

O bairro do Remedinho dos Prazeres encontra-se:

“a 826 m acima do nível do mar. O bairro pertence ao município de Paraibuna, localizado no Alto Paraíba, na escarpa da Serra do Mar, ao leste do Estado de São Paulo, na região sudeste do país (latitude: 23°23’10’’S; Longitude 45°39’44’’W GR). Sua principal via de acesso é a Rodovia dos Tamoios (SP 99) que liga a cidade de São José dos Campos, importante polo industrial do país, à cidade litorânea de Caraguatatuba, polo turístico de veraneio.” (FUNDAÇÃO CULTURAL, 2014, on line)

A origem do bairro remonta a primeira metade do século XIX, quando da abertura da estrada do Padre Dória (1832). As histórias dos narradores de “Remedinhos” como é carinhosamente chamado o bairro, atravessam o tempo, legitimam particularidades.

De acordo com Moreira (2008) o nome do bairro seria derivado da junção do nome do Rio dos Prazeres e de uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios que o Sr. Aleixo Gomes de Moraes carregava consigo, quando iniciara o povoamento daquelas terras que margeava a estrada. A imagem de Nossa Senhora dos Remédios foi abrigada em uma capela, que mesmo contando com diferentes construções permanece como parte da paisagem do bairro. A capela, é palco das celebrações e das festas. De arquitetura simples e pequeno tamanho é forte símbolo da religiosidade, festividade e receptividade de toda a comunidade. Importa analisá-la em conjunto com a estrutura comunitária do bairro que conta com um pátio, um salão e barracas onde moradores e visitantes se confraternizam durante as festas.

Memórias e identidades de uma comunidade

As memórias de cada um são acompanhadas de suas vivências, impressões e aprendizagens. Não guardamos tudo, pois a memória é sempre seletiva. Mas vale ressaltar que nosso jeito de considerar o que é significativo ou não resulta do espaço e do tempo em que vivemos. A história de cada um de nós contém a história de um tempo, dos grupos a que pertencemos e das pessoas com quem nos relacionamos.

Por esta dinâmica entre indivíduo e coletividade é que se estabelecem muitas as motivações para levar a cabo um projeto de história oral em uma comunidade. As demandas para fazê-lo, quando identificadas por alguém “de fora”, muitas vezes, estimulam integrantes do conjunto. Por outro lado, as iniciativas também podem surgir de pessoas que compartilham o cotidiano do grupo e notam o potencial do registro de suas histórias.

Tendo como ponto de partida o projeto de história oral, foram selecionados os colaboradores e realizadas as entrevistas, que são de fato o eixo de todo o trabalho. O registro das histórias em suporte audiovisual constituiu material a partir do qual foram elaborados um livro e um documentário – “produtos culturais” que ampliam o acesso ao conhecimento produzido pela equipe de pesquisa. Neste sentido, tanto a equipe de pesquisa quanto os moradores do bairro puderam se apropriar dos produtos da pesquisa de maneira que a produção de novos conhecimentos foi amparada pelo uso do audiovisual como suporte.

De maneira geral. Pode-se dizer que as pessoas encontram nas histórias narradas por si ou por seu grupo os elos de pertencimento e empoderamento. A versão final do audiovisual possibilita que as pessoas não se vejam isoladamente, mas como parte de um grupo. Têm uma história. Entendemos que iniciativas como esta do registro das histórias dos moradores do Bairro de Remedinho dos Prazeres contribuem para o empoderamento dos grupos que se propõem a protagonizar sua própria história.

Sobre o que falam as histórias

A interpretação de narrativas de histórias de vida ou um de evento é resultado da relação estabelecida pelo pesquisador com o assunto pesquisado. Por isso, ela pode ser diferente da interpretação de outros pesquisadores ou mesmo daquela que os narradores fariam de sua própria história. Isso porque cada um interpreta algo usando as ferramentas e referências presentes em seu próprio mundo.

Dizer isso é afirmar que as análises, interpretações ou leituras sobre a identidade desses narradores não correspondem exatamente àquilo cada um deles pensa sobre o Bairro dos “Remedinhos” ou sobre sua comunidade, mas leva em conta esse conjunto de referências que foram coletadas ao longo da pesquisa.

Nesse trabalho, destaca-se como identidades se formam na fala das pessoas. Assim, no momento do registro narradores passam a se identificar e elencar elementos importantes para a unidade da comunidade – como por exemplo a celebração da festa de Nossa Senhora dos Remédios e a feitura do “Fogado” prato da culinária caipira do local. O prato é um cozido preparado lentamente no fogão a lenha de carne de boi e batata, servido com arroz e farinha de mandioca, na festa é acompanhado de salada de tomate com repolho. Entendemos que a identidade cultural da comunidade está associada à sua alimentação, pois as “práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário”. (CERTEAU, 2008, p. 218)

A partir destas afirmações pode-se constatar que a Festa de Nossa Senhora dos Remédios, é um dos principais elementos que contribuem para o processo de identificação e de pertencimento para os moradores de “Remedinhos”.

De forma geral, as festas pessoas de diversas procedências se encontram e isso é um motivo de felicidade e orgulho dos moradores do local. Ao mesmo tempo em que são momentos de sociabilidade, também são situações de negociação e troca de saberes e de experiências. São momentos em que os mais velhos se juntam e dançam o Moçambique, ensinando aos mais novos suas tradições. Em que as mulheres conjuntamente cozinham o “Fogado” eternizando, no fazer, sua receita. Em que se juntam os cantadores e nas danças os casais se formam. Além de serem momentos de exercício da espiritualidade em que cânticos e orações são proferidos. Passa, portanto, a ser um encontro que congrega pessoas de diversos bairros rurais da região.

Mas ao contrário do que muitos podem pensar, estas festas não são celebrações da tradição apenas. Não acontecem sempre da mesma forma. Não são sempre iguais. Dessas experiências de vida conjunta resultam trocas constantes. Assim, pode-se afirmar que não há um padrão fixo de ser “do Remedinhos”, ou “de Paraibuna”, e nem mesmo que essa identidade se consolidou, ela está em constante diálogo e mutação.

Cabe aqui fazer uma reflexão, pois o processo de narrar as histórias e as relações dos moradores com seus lugares de pertencimento, registradas em vídeo, são a base para se entender a construção da identidade desta comunidade. Ou seja, o narrar é ato em si de construção identitária e também de estabelecer relações entre território e identidade em nossa contemporaneidade.

A narrativa é, pois, base e pode dar significado à formação da identidade. Por sua vez, a memória, de algo vivido ou não, é essencial para a constituição da narrativa. A memória coletiva de um passado de proações e experiências comuns, recontadas em cada narrativa individual foi o solo de onde cresce a história do Bairro e brotaram identidades comunitárias.

Neste processo pode-se entender a relação entre memória coletiva e individual, trabalhada por Halbwachs. Hoje, entretanto, há uma maior abrangência desse processo.

Os narradores explicam que morar no Remedinhos é algo complicado, pois o bairro é afastado – situa-se a 47km do centro da cidade - e de acesso difícil – a estrada é de terra com pouca manutenção - , mas não se vêem morando em outro lugar. Isto porque “Remedinho dos Prazeres” pode ser lido como um território articulador de identidade.

Narrativas: oralidade e subjetividade no registro audiovisual

As narrativas aqui colocadas são exemplos de objetivações da subjetividade. O narrar é um processo de objetivação de subjetividades, pois é momento em que memórias são acessadas, selecionadas e traduzidas em palavras a serem gravadas e transcritas. Processo que o colaborador sabe que acontecerá, pois toda entrevista foi precedida de uma introdução em que se fala, em linhas gerais, a intenção do projeto.

Tem-se em mente que cada uma das histórias narradas é uma construção que só pode ser entendida na ativação de suas subjetividades. Para isso é importante lembrar o que Foucault definiu como práticas subjetivadoras, objetivadoras e discursivas. Não cabe aqui buscar definir fronteiras entre os tradicionais pareamentos fato/ficção, parcialidade/imparcialidade, verdade/mentira, objetividade/subjetividade. Mais que opostos, essa pesquisa quer pensá-los como complementares.

As ciências são formas de objetivação, segundo Boaventura Sousa Santos:

As leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia o *como funciona* das coisas em detrimento de *qual o agente* ou *qual o fim* das coisas. É por essa via que o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum. É que, enquanto no senso comum, e portanto, no conhecimento prático em que ele se traduz, a causa e a intenção convivem sem problemas, na ciência a determinação da causa formal obtém-se com a expulsão da intenção. É este tipo de causa formal que permite prever e portanto, intervir no real e que, em última instância, permite à ciência moderna responder à pergunta sobre os fundamentos do seu rigor e da sua verdade com o elenco dos seus êxitos na manipulação e na transformação do real.

Práticas discursivas são o que constituem o sujeito (discurso escrito, oral, representações) – e essas permeiam as práticas objetivadoras e subjetivadoras. Subjetividade e objetividade são dois lados de uma mesma moeda, inseparáveis, que de certa forma se complementam, ao mesmo tempo que se auto constituem, lembrando que sujeitos constroem e desconstroem suas estruturas.

Discute-se a construção de uma abordagem específica a partir da pesquisa desenvolvida e da mediação feita junto ao grupo de moradores de “Remedinho dos Prazeres”. Fixando as narrativas, impulsionadas pela memória, desenvolve-se uma reflexão sobre as possibilidades de compartilhar representações, repensando o movimento de construção de sentidos na dinâmica das relações sociais.

Pretende-se organizar uma reflexão sobre a construção da autoimagem do grupo ao qual cada um desses narradores pertence. Uma reflexão sobre o trânsito estabelecido entre imaginário, memória e a vivência concreta do mundo a partir de alguns personagens e seu cotidiano. Tanto os colaboradores quanto o cotidiano por eles vivido foram abordados por meio da realização de gravações de suas tramas biográficas, que depois foram transpostas do

código oral para o escrito. Nesta experiência a realização desses registros se transformou num espaço de elaboração de questões conceituais que alimentaram a pesquisa e que serão trabalhadas ao longo do texto. Assim, reflexões de cunho mais metodológico ou mais temático serão tratadas em conjunto, estabelecendo uma relação entre esses dois aspectos da pesquisa. Ou seja, entendo que os momentos de produção de documentação são privilegiados para a reflexão desde que pensados como o lugar do encontro, da intersubjetividade, criando intertextualidade.

Desta forma, traçando paralelos para este trabalho, recupera-se uma reflexão tecida por David MacDougall sobre o a realização do documentário etnográfico como elemento fundamental no processo da pesquisa antropológica. A elaboração de um filme pressupõe um diálogo “intertextual” em que “sérios problemas teórico-metodológicos se apresentam, tais como: cinema de observação ou cinema de participação; presença afirmada do realizador-antropólogo ou ensaio de objetivação da observação; intervenção sobre o evento ou registro; descrição do discurso ou desenvolvimento com comentários; legendas ou cartões explicativos; tamanho de equipes de filmagem; construção ou reconstrução da realidade observada. (MONTE-MÓR, 1999,15)

Narrativas e narradores: construindo identidades

Os narradores parecem em suas entrevistas relatar uma história de vínculos em que se pode ver um processo de enraizamento organizado ao longo de várias gerações.

O enraizamento é um dos conceitos desenvolvidos por Simone Weil, e comentado por Ecléa Bosi: “O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (BOSI, *Op. Cit.*, 75). Ou seja, não se pode entender o ser humano se não se prestar atenção à sua inserção em seu contexto social. O grupo representa um conjunto de oportunidades – embora não único – a partir das quais se concretizam as ações particulares. É uma base sobre a qual se desenvolvem as ações significativas da pessoa, efetuadas no espírito de pertencer e de participar.

Retomo assim a reflexão tecida por Giddens. Para o autor, o aspecto central para a constituição da vida social é entender o desempenho das práticas sociais. Não há como entender a vida dos moradores do bairro Remedinho dos Prazeres sem entender suas

práticas. É possível ver nas narrativas de cada um dos sujeitos desta pesquisa como sentem-se pertencentes e enraizados no bairro, mas o quanto isso se ressalta quando relaciona-se a ações específicas – rituais – como a celebração da festa de Nossa Senhora dos Remédios.

Um personagem importante neste cenário é o festeiro. Pessoa reconhecida, da própria comunidade, que se responsabiliza por doar os alimentos utilizados no dia da festa. Cada ano é escolhido um festeiro, entretanto segundo o Sr. João Manoel da Silva vem ficando cada vez mais difícil escolher um festeiro. Esta talvez seja uma das razões pelas quais o bairro “Remedinho dos Prazeres” seja um dos poucos que ainda preservem esta tradição.

Ser um festeiro é um papel de destaque. Protagonismo no dia da festa. Marca de confiança e de vínculo com o grupo. A questão do empoderamento é importante, pois com isso elas se sentem reconhecidas e exercem papéis de liderança. Assim, conclui-se que o processo de reconhecimento de uma responsabilidade e do empoderamento por parte dos outros componentes do grupo é fundamental.

Esse “cargo” ligado ao companheirismo encontrado no bairro, é marca do sentir-se parte tornar-se grupo, ser comunidade. Em momentos de festa os narradores percebem mais profundamente este pertencimento. Donde se conclui que estes rituais são importantes na construção de uma identidade.

Identities in construction

O surgimento dos Estudos Culturais marca a história do conceito de identidade e escritos de autores como Hall são muito importantes para sua revisão. Suas ideias relacionam identidade e diferença (HALL, 2004), apresentando identidade como uma construção relacional, que necessita do diferente para se constituir.

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” – isto é identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. (HALL, 2005, 17)

Hall vai além, na medida em que seus estudos retomam todo esse percurso do conceito e sintetizam explicações que aproximam a dinâmica dos significados estabelecidos pela língua da dinâmica social em busca de identidade. Para ele:

[...] os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. [...] Observa-se a analogia que existe aqui entre língua e identidade. Eu sei quem “eu” sou em relação com o “outro” [...]. Como diria Lacan, a identidade, como o inconsciente, “está estruturada como a língua”. O que modernos filósofos da linguagem – como Jacques Derrida, influenciados por Saussure e pela “virada lingüística” – argumentam é que, apesar de seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua. Tudo que dizemos tem um “antes” e um “depois” [...]. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. (HALL, 2005,40-1)

Teoricamente, identidade se tornou, em si, um assunto interdisciplinar que passou a ser estudado sob diversos prismas. Os historiadores, por sua vez, aproximam-se desse debate, impulsionados pelos ventos da interdisciplinaridade, mas também por toda a discussão geradas pelos pensadores ditos pós-modernos.

Segundo Burke a própria produção histórica iniciou seus trabalhos com o estudo das comunidades e apenas mais tarde começou a se preocupar com a identidade (BURKE, 2002, 166). Para a história, os conceitos identidade e comunidade estão muito próximos e devem ser tratados conjuntamente.

As reflexões sobre identidade se relacionam intimamente com comunidade. Como apontou Burke em um balanço sobre o conceito, comunidade tem desempenhado papel cada vez mais importante na escrita da história nos últimos anos, extrapolando assim as fronteiras dos estudos antropológicos e sociológicos. É verdade que estudos de comunidades são marcas da história há muito, mas esses eram feitos de forma a manifestar o orgulho local, aos poucos

tais estudos foram promovendo um diálogo entre a micro e a macro análise. De qualquer forma Burke ressalta que:

O termo “comunidade”, portanto, é ao mesmo tempo útil e problemático. Esse termo precisa livrar-se do pacote intelectual em que ele faz parte do consensual, o modelo durkheimiano de sociedade. [...] as comunidades precisam ser construídas e reconstruídas. E não se pode ter por certo que uma comunidade seja caracterizada por atitudes homogêneas ou esteja livre de conflitos. (BURKE, 2002: 86)

O processo de formação de uma comunidade é coletivo e contínuo, sempre negociado entre coletividade e indivíduo. Dessas negociações constantes entre seus membros surge um sentimento de pertencimento à comunidade. Nesse sentido:

A comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). (BAUMAN, 2003: 7).

Importante lembrar que ao entrevistar essas pessoas na marcha identificada por um crachá, como do Movimento, pude ter acesso a narrativas um pouco mais “relaxadas”, embora com o peso do registro para a posteridade. Essas pessoas não falavam a qualquer um. Isso permitiu que se fossem feitas críticas que aqueles narradores pensavam que seriam compreendidas por mim, pois:

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros a nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003: 7-8.)

As discussões sobre os conceitos de identidade e de comunidade, estão intimamente ligadas. Segundo os procedimentos da história oral adotados, ao se definir um

grupo a ser pesquisado definiu-se uma comunidade de destino, ou seja, uma coletividade que partilha experiências, características e aspirações afins. Nessa pesquisa, o sentido de pertencimento a uma comunidade se relaciona a um fazer religioso, mas seu significado não é alheio aos narradores, que fazem afirmações como a de Sebastião de Oliveira Santos: “Então eu acho importante ir na igreja, reunir a comunidade para falar alguma coisa para os irmãos. Prefiro eu ficar prejudicado do que prejudicar um amigo.”

Bauman (2005) afirma que esse panorama da globalização é radical e irreversível, afetando todas as estruturas sociais e as relações que correspondem a elas. Nesse sentido, as identidades passam a ser consideradas cada vez mais como processos em permanente movimento, e a emergência das comunidades e das políticas de identidades como fenômenos de resistência, conservadora ou progressista, às consequências das transformações da globalização.

Nesta medida, quais identidades assumiram durante essa pesquisa?

Em primeira instância, eles falaram do seu cotidiano, suas relações familiares. Em seguida contaram da construção de identidades individuais e coletivas, identidade cultural, que aos poucos se contrapõem ao contexto urbano e mais amplo de nossa sociedade, mas que também entra em contato com ele quando muda o modo de agir desta comunidade que antes produzia tudo que consumia naquele local, com a força do trabalho de seus moradores e que agora compra muitas coisas na cidade e que tem um desafio de fixar suas novas gerações.

Referências

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, P. *História e teoria social*. São Paulo, Ed. Unesp, 2002, p. 166.

CERTEAU, M. de. GIARD, L. e MAYOL, P. *A invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. 8a edição - Petrópolis, R.J., Editora Vozes, 2008.

GEERTZ, C. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

HALBAWCS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S., at alli. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.

HALL, S. A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17.

MONTE-MÓR, P. Sobre antropologia e imagem. In: ABA, nº 31, Museu Nacional, Departamento de Antropologia, 1999.

RIBEIRO, S. L. S., EVANGELISTA, M. B., e ROVAI, M. G. O. Audiovisual e história oral: utilização de novas tecnologias em busca de uma história pública. Oralidades (USP), v. 1, p. 89-105, 2011.

RIBEIRO, S. L. S.; MEIHY, J. C. S. B. Guia Prático de História Oral. São Paulo: Contexto, 2011.